

*José Cardoso Pires publicou o seu primeiro livro em 1949. Desde então, escreveu muito, foi premiado, ganhou um estatuto de respeito e admiração, mas não abandonou a utopia nem a intolerância perante o erro*

## «O escritor não pode estar com o Poder»

D.L. - Como se sente perante o encerramento do «DL»?

J.C.P. - Já estivemos uma hora a falar sobre isso. Nunca tive um prefácio tão grande a uma entrevista. Isso demonstra a minha dor. O «DL» e o «República», mas especialmente o «DL» - com um público muito mais vasto e com um compromisso cultural muito maior - sempre mantiveram uma face própria, corajosa e independente. Todos os outros jornais, que estão hoje vivos e que nasceram antes do 25 de Abril, viveram à custa de sujeições, de misérias e de colaboracionismos. O «DL» é um caso único, excepcional do ponto de vista deontológico, do que é a dignidade de escrever e de ser jornalista, do que é a resistência à repressão. Avista-se uma grande crise de Imprensa e a situação é bastante problemática. No entanto, não é a qualidade do «DL» que justifica esta queda. Há jornais que têm sobrevivido com uma qualidade muitíssimo inferior. Foi um conjunto de circunstâncias que levaram a esta decisão. Estou bastante pesaroso.

D.L. - Na altura em que «O Delfim» foi publicado, afirmou que o romance era um género em crise. Mantém essa opinião?

J.C.P. - Nada se faz sem crises. Fazem parte do percurso. Mesmo a crise que a Imprensa está a atravessar, vai ter resultados positivos. O romance atravessava uma crise a muitos níveis: havia menos público, censura, fascismo, uma universidade asquerosa, perfeitamente vendida ao poder político. Hoje, o romance atravessa as crises de uma sociedade de consumo. Quase não há tempo para ler, há uma juventude perfeitamente espartilhada, a informação audiovisual não contribui nada para os livros, pelo contrário. Hoje é, porém, muitíssimo menos dramática do que no tempo do salazarismo.

D.L. - O escritor é um animal incómodo?

J.C.P. - É isso mesmo. O escritor não pode estar com o poder. Só em casos muito excepcionais do percurso histórico do seu país. Ele só é útil como uma voz de correcção ao poder. O escritor oficial é um remorso, é a mão cúmplice e é evidente que não há nenhum escritor que se preze que esteja com o poder. O escritor é um indivíduo com uma posição de utopia, o homem da política é um optimista, funciona com as realidades objectivas e isso dá-lhe uma tolerância muito grande com os erros que comete. O escritor não pode ser tolerante com os seus erros.

D.L. - Reconhece as suas obras quando as vê nos palcos ou nas telas?

J.C.P. - Não me reconheço é quando leio traduções. No teatro, só gostei do «Render dos Heróis», a outra peça foi uma desgraça. No cinema, reconheci a «Balada da Praia dos Cães» até demais. O realizador foi excessivamente fiel ao livro, embora gostasse do filme. No entanto, sou muito distante relativamente às coisas que faço. Hoje, leio muito pouco as reedições, tenho medo de o fazer, pois encon-

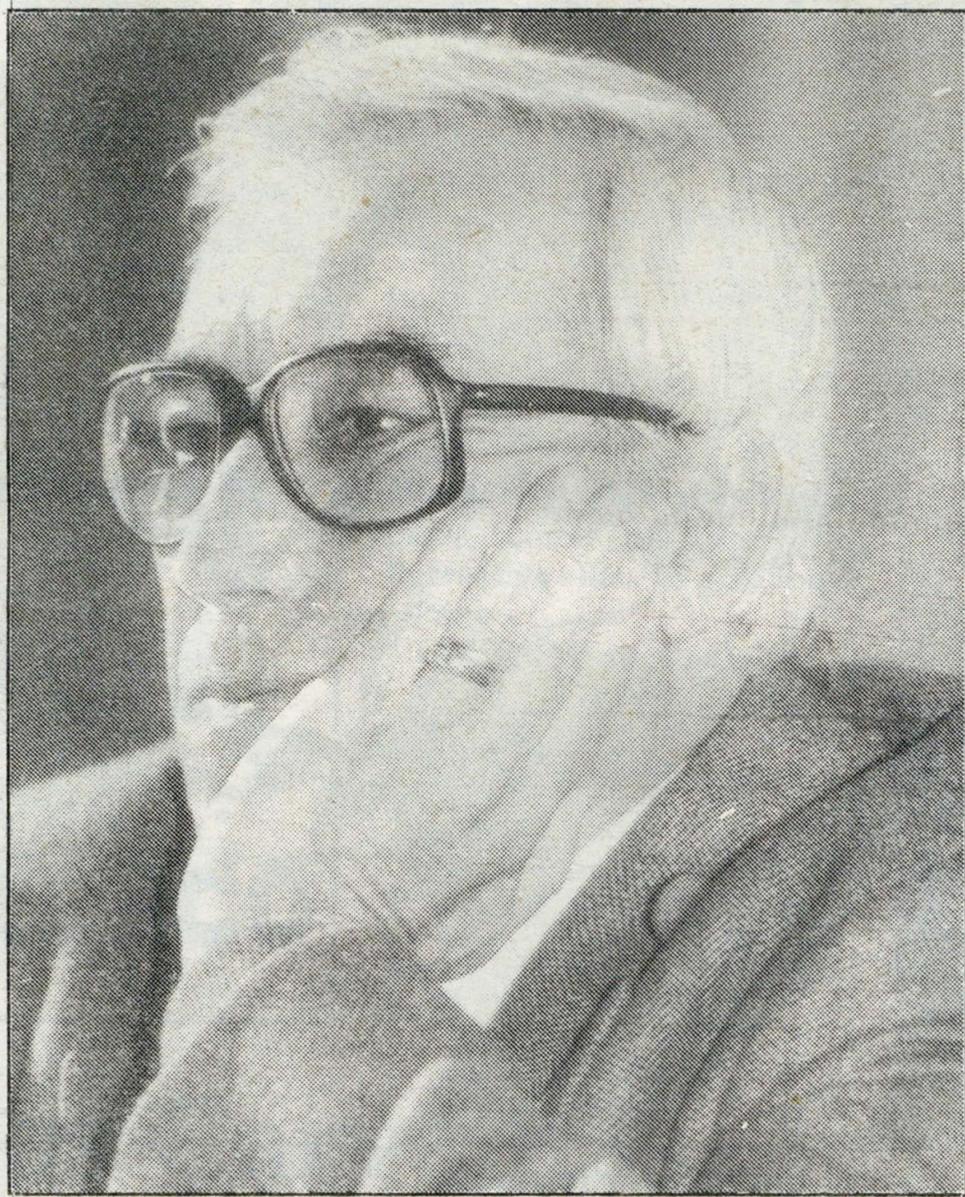
traria coisas para corrigir.

D.L. - Como nasce um livro?

J.C.P. - Isso gostava eu de saber! Como nasce uma paixão? Não sei. É um conjunto de coisas que depois vão amadurecendo. Uma coisa só nasce bem se tiver uma determinação espontânea e toda essa relação é trabalhada por si mesma. Não faço ideia...

D.L. - Em seu entender, que efeitos poderão ter as Letras de Espanha?

J.C.P. - É bastante importante para a Espanha, porque a sua literatura era praticamente desconhecida aqui e a Espanha está a exportar autores. O meu editor tem uma colecção chamada «Letras de Espanha», mas não há lá



Rui Vasco

nenhuma colecção chamada «Letras de Portugal».

D.L. - Mas os nossos escritores também já lá estiveram...

J.C.P. - Mas não tivemos o acolhimento que os espanhóis tiveram aqui. A Espanha é bastante sumptuosa nas suas iniciativas.

D.L. - Que pensa do acordo ortográfico?

J.C.P. - O acordo ortográfico é uma sistematização que, em minha opinião, é sobretudo provocada pela comunicação. Os brasileiros vão fazer aquilo que sempre fizeram: assinam o acordo e só o respeitam naquilo que lhes interessa. Nós e os desgraçados dos jornalistas é que vamos ser obrigados a respeitar. Eu não respeito, nunca respeitei. Não sei quem está encarregue deste processo e se estão nele linguístas competentes com uma concepção moderna da língua. Se é a Academia que o lidera, isso não é garantia para mim. Pelo contrário. Por outro lado, uma das funções do escritor é ter uma liberdade criativa com a própria língua, que ele ama mais do que ninguém. A língua é uma coisa corrompível e quem a ama tem que a corromper para a criar. Não estou a ver um poeta a trabalhar com um prontuário ao lado.

D.L. - Depois de «Alexandra Alpha», que se segue?

J.C.P. - Não gosto de falar do que estou a escrever. Dá azar.

D. S.